

ENTRE EUCLIDIANOS E CONSELHEIRISTAS: CANUDOS RESISTE

João Batista da Silva Lima

A construção da história da humanidade surge a partir das experiências de vida dos indivíduos; a história de Canudos nasce junto com um homem que, no dia 13 de março de 1830, vem ao mundo para desbravar os sertões. Na Vila do Campo Maior, hoje cidade de Quixeramobim, Ceará, nasce Antonio Vicente Mendes Maciel. Sua peregrinação, inspirada no Padre Ibiapina, inicia-se, segundo os jornais da época, em 1874. Percorrendo o sertão, ele chega à Fazenda Santo Antônio dos Canudos em junho de 1893. A princípio, vem para inaugurar a igreja velha de Santo Antônio, mas resolve se estabelecer no que diziam ser a Aldeia Sagrada. Depois que batizou o lugar como Belo Monte e disse que aquela era uma terra onde manavam rios de leite e os montes eram de cuscuz, muitos vieram de várias regiões para conferir se realmente o que se ouvia em toda parte sobre aquele lugar era, de fato, verdadeiro.

Canudos prosperava. A cada dia, novas famílias chegavam: negros, índios, roceiros e fugitivos da lei. O arraial conselheirista era formado por seres humanos, não por uma raça ou um credo. Havia ali gente que queria uma vida mais digna, carregada de respeito, liberdade, esperança, resistência e fé. Dessa forma, construída pela diversidade, Canudos crescia. Em 1894, a população do arraial havia aumentado tanto que foi preciso erguer uma nova igreja para abrigar os fiéis no seu devocional diário das seis horas, da manhã e da tarde. A igreja nova do Bom Jesus ganhou forma, imponente, com duas torres, mais parecendo um castelo ou um forte — e o foi.

Em 1896, depois de comprar e pagar a madeira que daria forma à cobertura da igreja, Antonio Conselheiro solicitou ao dono da madeireira que enviasse o material. Impossibilitada a entrega por falta de transporte, desculpa usada pelo proprietário, Conselheiro resolve ir com seus seguidores buscar o que comprara. A notícia chega aos ouvidos do juiz Arlindo Batista Leoni, antigo desafeto de Conselheiro. Após o magistrado telegrafar por duas vezes para Luís Viana, então governador da Bahia, é enviada a Canudos uma tropa com cerca de 110 soldados comandada por um tenente. As ruas da cidade de Juazeiro começam a se esvaziar quando o juiz espalha o boato da possível invasão. Muitas pessoas resolvem atravessar o Rio São Francisco e se escondem na cidade vizinha, Petrolina.

Anos antes desse episódio, na cidade de Bom Conselho, hoje Cícero

Dantas, na Bahia, Arlindo Batista Leoni, quando ainda era delegado, vivencia um momento constrangedor em sua carreira. Os seguidores de Conselheiro, impelidos por seu protesto contra a República e o pagamento dos impostos, em pleno dia de feira, são instados a quebrar as tábuas em que estavam fixados os editais de cobrança. O delegado, sem recursos para um confronto, resolve pedir ao governo estadual policiais para restaurar a ordem. Ainda em Maceté, comunidade localizada entre Tucano e Cumbe (hoje Euclides da Cunha), após um confronto em 26 de maio de 1893, Antonio Conselheiro e seus seguidores resolvem partir para a "Terra Prometida" — no caso, a Fazenda Santo Antônio dos Canudos, onde Conselheiro reformaria a igreja velha de Santo Antônio e fundaria o Belo Monte. O tenente Pires Ferreira, comandante da primeira expedição sem sucesso, volta às pressas para Juazeiro da Bahia.

No dia 21 de novembro de 1896, a guerra contra Canudos entra em cena. Foram quatro as expedições contra Canudos. O conflito contra Antonio Conselheiro e seus seguidores inicia-se no momento em que suas prédicas e conselhos incomodam as elites. Anos antes da chegada de Conselheiro, precisamente em 1888, quando o beato se encontrava na região de Monte Santo, na Bahia, Durval Vieira de Aguiar, em relatório sobre a província da Bahia, descreve de forma contundente essa passagem de Antonio Vicente Mendes Maciel e sua pregação:

Quando por ali passávamos achava-se na povoação um célebre Conselheiro, sujeito baixo, moreno acaboclado, de barbas e cabelos pretos e crescidos, vestido de camisolão azul, morando sozinho em uma desmobiada casa, onde se apinhavam as beatas e afluíam os presentes, com os quais se alimentava. Este sujeito é mais um fanático ignorante do que um anacoreta, e a sua ocupação consiste em pregar uma incompleta moral, ensinar rezas, fazer prédicas banais, rezar terços e ladainhas com o povo; servindo-se para isso das igrejas, onde, diante do viajante civilizado, se dá a um irrisório *latinório* que nem os ouvintes entendem. O povo costuma afluír em massa aos atos religiosos do Conselheiro, a cujo aceno cegamente obedece, e resistirá, ainda mesmo a qualquer ordem legal, por cuja razão os vigários o deixam impunemente passar por santo, tanto mais quando ele nada ganha, e, ao contrário, promove extraordinariamente os batizados, casamentos, desobrigas, festas, novenas e tudo mais que consistem os vastos rendimentos da igreja. Nessa ocasião havia o Conselheiro concluído a edificação de uma elegante igreja no Mucambo, e estava construindo uma excelente igreja no Cumbe, onde a par do movimento do povo, mantinha ele admirável paz. (Aguiar, 1979, p. 83)

Durval Vieira de Aguiar, nascido na província da Bahia, chegou a comandar o corpo de polícia, com a patente de tenente-coronel. Os comentários que surgem em publicações oficiais, seja através do relatório intitulado *Tipografia do Diário da Bahia*, de Aguiar, seja nos jornais da recém-instalada República ou nos livros publicados antes e durante a guerra de Canudos, em sua maioria escritos por militares ou por uma concepção hereditária do atraso, nos mostram o quanto Antonio Conselheiro e Canudos foram alvo de mentiras, insurreições de todo capciosas, para tentar dispersar o povo e acabar de vez com a esperança dos excluídos.

Antonio Conselheiro, em suas últimas prédicas, pede perdão por suas palavras excessivamente rígidas combatendo a maldita República. Muitas foram as pregações do Conselheiro sobre a República, e as tentativas de demover o líder messiânico falharam. Em 13 de maio de 1895, chegam a Canudos os freis João Evangelista do Monte Marciano e Caetano de São Leo, acompanhados pelo padre Pedro Sabino, que costumava celebrar missas, casamentos e batizados dentro do arraial. A visita dos freis logo tomou o rumo previsto pelo Conselheiro: o objetivo era tentar convencer o povo de que a República era boa. Afinal, países como a França, antes monarquistas, já haviam se tornado repúblicas. Assim, Conselheiro e sua gente deveriam aceitar a República de bom grado.

No tempo da monarquia deixei-me prender, porque reconhecia o governo; hoje não, porque não reconheço a Republica. [...] Senhor, repliquei eu, se é catholico, deve considerar que a egreja condemna as revoltas, e, aceitando todas as formas de governo, ensina que os poderes constituídos regem os povos, em nome de Deus.

É assim em toda a parte: a França, que é uma das principaes nações da Europa, foi monarchia por muitos seculos, mas ha mais de 20 annos é Republica; e todo o povo, sem excepção dos monarchistas de lá, obedece ás autoridades e ás leis do governo.

Nós mesmos aqui no Brazil, a principiar dos bispos até o ultimo catholico, reconhecemos o governo actual; sómente vós não vos quereis sujeitar? É mau pensar esse, é uma doutrina errada a vossa. (Relatório do frei João Evangelista, *apud* Calasans, 2002, p. 8)

As palavras do frei causaram tumulto e revolta entre os conselheiristas, visto que suas palavras ofenderam a doutrina em que o povo de Canudos acreditava — e que tanto defendia. As pessoas se manifestavam, como descreve o frei:

Interrompeu-me um dos da turba, o velho Conselheiro. V. revm. é que tem uma doutrina falsa, e não o nosso Conselheiro". Desta vez ainda, o velho impoz silencio, e por unica resposta me disse: "Eu não desarmo a minha gente, mas também não estorvo a santa missão". Não insisti no assumpto, e acompanhados da multidão, sahimos todos indo escolher o logar para a lateda e providenciar para que no dia seguinte principiasssem os exercicios. Feito isso, e quando me retirava, os fanaticos levantaram estrondosos vivas á Santissima Trindade, ao Bom Jesus, ao Divino Espírito Santo e ao Antonio Conselheiro. (Relatório do frei João Evangelista, *apud* Calasans, 2002, p. 8)

Depois do repúdio à pregação, frei João Evangelista suspende a missão e também a missa que seria realizada no dia seguinte. Esse relatório circulou nas paróquias e proibiu os padres de celebrarem em Canudos. Os fatores que influenciam na guerra contra Canudos vão além do relatório: os coronéis, os fazendeiros e os grandes latifundiários exercem, assim como a igreja católica, junto à República, efetiva influência na perseguição, morte e destruição de Canudos, do Belo Monte, do Conselheiro e de sua gente.

A segunda expedição contra Canudos foi comandada pelo major Febrônio de Brito, e marchava contra o arraial com 609 homens e um canhão Krupp. Amedrontados pela força e bravura dos sertanejos durante a passagem na Serra do Cambaio, na Lagoa do Cipó vertida em sangue com a investida dos conselheiristas, a expedição bateu em retirada. Depois da segunda derrota, os jornais, que noticiavam o enfrentamento da República, despertam o olhar para Canudos: alguns escritores, abastecidos de informações equivocadas sobre o conflito, montam suas suposições sobre a doutrina e a motivação dos seguidores de Antonio Conselheiro. Mesmo nutrido de informações distorcidas, Machado de Assis protesta:

Os direitos da imaginação e da poesia hão de sempre achar inimiga uma sociedade industrial e burguesa. Em nome deles protesto contra a perseguição que se está fazendo à gente de Antonio Conselheiro. Este homem fundou uma seita a que se não sabe o nome nem a doutrina. Já este ministério é poesia. Contam-se muitas anedotas, diz-se que o chefe manda matar gente, e ainda agora fez assassinar famílias numerosas porque o não queriam acompanhar. É uma repetição do crê ou morre; mas a vocação de Maomé era conhecida. De Antonio Conselheiro ignoramos se teve alguma entrevista com o anjo Gabriel, se escreveu algum livro, nem sequer se sabe

escrever. Não se lhe conhecem discursos. Diz-se que tem consigo milhares de fanáticos. Também eu o disse aqui, há dois ou três anos, quando eles não passavam de mil ou três mil e tantos. Se na última batalha é certo haverem morrido novecentos deles e o resto não se desapega de tal apóstolo, é que algum vínculo moral e fortíssimo os prende até a morte. Que vínculo é esse? (Assis, 1961, p. 401-2)

As crônicas de Machado de Assis apresentam os assuntos que circulavam durante a viagem no bonde, que muitas das vezes eram mais curtas que as narrativas que chegavam de Canudos. A figura mística de Antonio Conselheiro é notável. Durante sua caminhada desde o Ceará, Conselheiro aprendeu o latim e o francês e, dotado de escrita e dissertação admiráveis, transcreveu os Dez Mandamentos e os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. *Horas marianas* e *Missões abreviadas*, livros de preces e passagens do Velho e do Novo Testamento, eram os livros de cabeceira de Antonio Conselheiro; outro livro, *Preceitos do Nosso Senhor Jesus Cristo para salvação dos homens*, continha suas próprias conclusões sobre os evangelhos e vários assuntos relacionados à República — e fora escrito por ele.

Dos burburinhos que surgem, o fato de que Conselheiro obrigava as famílias a se juntarem a ele é sem precedente. A doutrina do Conselheiro era fundada nos princípios religiosos e carregava, em seu discurso, uma mensagem de paz, amor, fé, liberdade e esperança — tudo o que um povo que vive no sertão precisa ouvir.

A notícia de uma terceira expedição militar surgiu com ânimo para os republicanos, visto que seu comandante já havia sido vitorioso em embates em Santa Catarina. O coronel Antônio Moreira César, conhecido como o Corta-Pescoço ou Corta-Cabeças, marcado pela crueldade que dedicava a seus inimigos, foi convocado para vir ao sertão com cerca de 1,3 mil homens. Ele e o coronel Pedro Tamarindo lideram a terceira expedição contra Canudos. Depois de submeter a tropa ao cansaço, ao desânimo e à fome, ele obriga os soldados a invadir Canudos. Na manhã de 4 de março de 1897, morre o coronel Moreira César, depois de ser atingido no abdômen no dia anterior e ter sido levado à Fazenda Velha, antiga sede da Fazenda Canudos. Assumiu o comando da terceira expedição o coronel Tamarindo, que, tomado pelo medo da morte, abandona a tropa em meio a uma batalha e parte em retirada gritando: "é tempo de murici, cada um cuide de si". Mas ele morre logo à frente, nas baixas da Serra do Angico. Essa expedição deixa para trás comboios de munição e armamento que vieram a

equipar o povo de Canudos, que até então lutava com armas de caça e ferramentas que usava no trabalho na terra.

Era de se esperar, dado o fracasso do coronel Moreira César, uma nova expedição. A quarta, batizada como Expedição Moreira César, viria com mais força, armas bélicas e um número de quase dez mil homens. Tal expedição foi dividida em duas colunas. A primeira, comandada pelo general-em-chefe Arthur Oscar e pelo general Silva Barbosa, desce no município de Queimadas e parte para Monte Santo, onde aguarda o então ministro da Guerra, Carlos Machado Bittencourt. A segunda coluna, comandada pelo general Cláudio do Amaral Savaget, parte de Sergipe vindo por Jeremoabo, margeando o Rio Vaza-Barris. Seu objetivo era cercar Canudos por dois lados. A primeira coluna sofre, em junho de 1897, inúmeras emboscadas no Riacho do Umburanas até a Toca do Lobo — numa área que, após as baixas militares, foram apelidadas de Vale do Sinistro ou Vale da Morte, devido aos enterramentos neste local de batalha. Em 28 de junho de 1897, as duas colunas tomam o Alto da Favela, conhecido também como Morro Vermelho. Lá, os soldados montam a artilharia, apontam os canhões para o arraial, erguem barracas para o hospital de sangue e para abrigar o general-em-chefe Arthur Oscar. Em 16 de setembro, o tenente do Exército, jornalista e engenheiro militar Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha chega ao palco de guerra. Ao que tudo indica, os editores do jornal *O Estado de S. Paulo* leram as crônicas de Machado de Assis:

Nenhum jornal mandou ninguém aos Canudos. Um repórter paciente e sagaz, meio fotógrafo ou desenhista, para trazer as feições do Conselheiro e dos principais subchefes, podia ir ao centro da seita nova e colher a verdade inteira sobre ela. Seria uma proeza americana. (Assis, 1961, p. 404)

Além de Euclides da Cunha, outro jornalista se destaca na cobertura da campanha contra Canudos: Manuel Benício, tenente e correspondente do *Jornal do Commercio*, viera ao palco para registrar a famigerada guerra. Euclides, por sua vez, com seu conhecimento de desenho arquitetônico, faz vários esboços e desenhos; os croquis das igrejas, do arraial e também das serras trazem uma precisão sem igual. No dia 26 de setembro, um fotógrafo também entra em cena: o baiano Augusto Flávio de Barros começa seus trabalhos registrando os batalhões do Exército republicano. Ele retrata os últimos momentos do arraial, enquanto o fogo queimava a alma e as casas de Canudos. São dele as setenta foto-

grafias que retratam a guerra *contra* Canudos, hoje preservadas no Instituto Moreira Salles.

Euclides da Cunha descreve os últimos momentos da guerra, na qual milhares de pessoas, homens, mulheres e crianças, partem em uma fila extensa a caminho da morte. Outros resistem até o fim, na esperança de que algum milagre vindo dos céus os socorresse. Cunha escreve:

Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens-feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados. (Cunha, em Galvão, 2016, p. 549)

Antonio Conselheiro morre no dia 22 de setembro de 1897. Dias antes, muitos dos canudenses foram pedir sua benção para partir, pois não aguentavam mais a falta de mantimentos e os inúmeros ataques do Exército. Após a morte do Peregrino Antonio, o povo se dispersa; afinal, “ferirá o pastor e as ovelhas se dispersarão” (Mateus, 26:31). O pastor morreu e suas ovelhas, os conselheiristas, ficaram sem destino, desolados. Para onde ir? Entregar-se ou lutar? A guerra termina no dia 5 de outubro. No dia 6, o corpo de Conselheiro é encontrado dentro da cidade, no Santuário de Canudos, onde havia sido enterrado. Após ser exumado, cortam sua cabeça e o colocam em um caixote envolvido em cal. Muitos são os que partem antes do cerco de 23 de setembro, e Canudos é silenciada. O que resta são escombros, corpos, cães e urubus na maior carnificina do Brasil. O nosso sertão virou um assombro.

No início do século xx, algumas famílias começam a construir em volta do que foi o Belo Monte: surgem novas casas, novas lavouras e, aos poucos, aqueles que dali saíram antes do cerco final iniciam, junto daqueles novos moradores, a construção do que seria a segunda Canudos. Erguida das cinzas, a nova Canudos dos sobreviventes do conflito permaneceu em silêncio, vivendo do que a terra lhes podia dar, como qualquer outra comunidade no sertão. Eram dias difíceis, tendo seus moradores que conviver com as lembranças que os atormentavam, assistindo, a cada amanhecer, ao saírem no batente de suas casas, o que sobrou de um tempo próspero e feliz. No Belo Monte, havia escola, uma rua dedicada às professoras, a Rua da Professora, onde Maria Francisca

de Vasconcelos, Maria Bibiana e Marta Figueira ensinavam as crianças do arraial. Bibiana e Figueira foram mortas durante a guerra. Em depoimento a Nertan Macedo, Honório Vila Nova, sobrevivente da guerra, fala a respeito de suas recordações:

Recordações, moço? Grande era o Canudos do meu tempo. Quem tinha roça tratava da roça na beira do rio. Quem tinha gado, tratava do gado. Quem tinha mulher e filhos, tratava da mulher e dos filhos. Quem gostava de reza, ia rezar. De tudo se tratava porque a nenhum pertencia e era de todos, pequenos e grandes, na regra ensinada pelo Peregrino. (Macedo, 1964, p. 67)

Os discursos sobre a Canudos conselheirista, a partir dos sobreviventes, demonstra como foram prósperos os dias no arraial. Foram quase quatro anos de alegria, fartura e paz, onde a terra era partilhada e dela grandes e pequenos usufruíam de igual modo. Não existia enriquecimento, pois o que mais importava era ser livre e viver, todos na luta por dias melhores, resistindo, seguindo com fé e esperança.

O movimento conselheirista nem sempre foi contado a partir de suas raízes. Durante muito tempo, estudou-se Canudos apenas pelo aspecto da guerra, das quatro expedições militares, da destruição do Belo Monte e da morte de Antonio Conselheiro. Eu ficava me perguntado sobre a história de Canudos — mas a do Belo Monte conselheirista, e não a da guerra de Canudos. Compreender Canudos nas suas entrelinhas é algo muito difícil quando se tem tantos argumentos que se contradizem. Quem está certo? Os vencidos, o povo de Antonio Conselheiro, que o seguia pelo modelo de vida pregado por ele e vivenciado pelo povo, com educação, moradia, segurança, terra e a tão sonhada liberdade e dignidade? Ou a República, onde a ordem do dia era não deixar pedra sobre pedra, oprimir, matar, prender e tirar? A quem seguir? Conselheiro ou o Estado (latifundiários, coronéis, igreja, República)?

José Calasans destaca que é preciso valorizar a memória dos que lutaram, resistiram e, mesmo sob tão cruel ameaça, permaneceram de pé:

Os vencidos também merecem um lugar na História. Não devem ficar no anonimato. Precisam desfrutar da situação definida do “quem era quem”. Assim pensando, julgamos que a gente humilde que lutou, matou e morreu na guerra fratricida de Canudos, o Belo Monte de Antonio Conselheiro, faz jus a ingressar num texto de caráter biográfico. (Calasans, s.d., p. 1)

Em 1946, Odorico Tavares viaja para o sertão de Canudos para realizar uma reportagem a pedido da revista *O Cruzeiro*. Na companhia do fotógrafo francês Pierre Verger, entrevista os sobreviventes da guerra e, no ano seguinte, em 1947, lança o livro *Canudos, cinquenta anos depois*, contendo os depoimentos e as fotos feitas por Verger. Foi através dessa reportagem que o professor José Calasans teve um despertar para o estudo do “ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro”, que seria o título de sua tese de doutoramento em história. Em 1950, Calasans visita Canudos e conclui que é preciso sair da “gaiola de ouro” — o livro *Os sertões* — e estudar Canudos sob o olhar dos vencidos, dos sobreviventes daquele terrível massacre.

O renome da obra de Euclides como que amedrontou todos quantos pretendessem versar o mesmo tema. A absoluta maioria dos livros sobre Canudos apareceu antes de *Os sertões*. Depois da publicação do grande ensaio, tudo que se tem feito, salvo artigos sobre pormenores do famoso embate, é cópia servil de Euclides da Cunha ou interpretação das manifestações do desventurado escritor. (Calasans, 2002, p. 15)

Calasans não tira o mérito da grande obra que é *Os sertões*, livro que permitiu ao mundo ler sobre a guerra de Canudos. Traduzido em mais de cinquenta línguas, permite até os dias atuais guiar o viajante estrangeiro até o palco de guerra. O que o professor deixa claro é que se faz necessário conhecer a história de quem lutou por Canudos. O leitor despercebido acaba por vez atropelando Euclides da Cunha de forma tal que não compreende a divisão do livro em “A terra”, “O homem” e “A luta”. Embora dividido, o livro traz, na construção social, o sertanejo na luta pela terra e suas consequências em um período de turbulenta transição.

A partir dos depoimentos dos sobreviventes, em sua maioria mulheres, construímos novas narrativas e contrapomos, aos boatos e às mentiras ditas pelos jornais da época e pelo governo da República, palavras carregadas de dor e verdade. O que dizem sobre Conselheiro aqueles que o conheceram e com ele conviveram no Belo Monte?

Entre os sobreviventes de Canudos, pode haver maior ou menor reserva sobre Antonio Conselheiro; mas depois de cinquenta anos, não há uma opinião em contrário: “o Bom Jesus foi um santo homem que somente aconselhava para o bem”. [...] Eu via o Conselheiro, que nós todas chamávamos de Bom Jesus, falando manso, de tarde, para o povo, e só dava conselhos bons.

Depois veio a luta, foi um desespero, mas tínhamos fé no homem e tudo era pelo amor de Deus. (Tavares, 1993, p. 39-40)

Não bastasse a guerra, em 18 de outubro 1940, Getúlio Vargas e sua comitiva passam por Canudos; recepcionados com festa, não sabiam os moradores que uma nova destruição estava por vir — o que me faz lembrar uma citação que o professor Gustavo Teixeira fizera em sua visita a Canudos: “o que parece construção, pode ser ruína”. Vargas se reúne com o líder político da região, naquela época Isaias Canário, e faz-lhe a promessa da construção de uma barragem para matar a sede daquele povo sertanejo e trazer prosperidade. Passados os anos, os sertanejos são surpreendidos pelos funcionários do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCs), antes conhecido como IOCS e IFOCs. A construção da barragem do Cocorobó é iniciada em 1951, trazendo movimento para o lugar. Em pouco tempo, os mais oportunistas começaram a comercializar em seus armazéns todo tipo de mantimentos para atender à demanda do pessoal do DNOCs. O medo começa a surgir e, aos poucos, as pessoas que reconstruíram Canudos foram se dando conta de que a “construção do progresso” seria, em verdade, sua ruína; logo perceberam que teriam que abandonar suas casas e sua terra — dessa vez para sempre, pois essa Canudos daria lugar às águas de um açude.

O professor Eivaldo Boaventura, em publicação para o jornal *A Tarde*, destaca uma fala do professor Manoel Neto: “quem sabe, sob as águas, a chaga se fechasse para sempre, e Canudos não passasse de frio registro da história”. A guerra não conseguiu destruir o sonho, a esperança, a fé e a vontade de lutar por liberdade e dignidade. A ferida ainda aberta não seria fechada pelas águas. Em 13 de março de 1969, o que restou da Canudos conselheirista e a segunda Canudos acaba debaixo d'água. De quem foi a ideia? Eldon Canário, no livro *Sob as águas da ilusão*, cujo título revela a ilusão do progresso, escreve:

A origem do açude que inundou Canudos, no entanto, remonta a fatos e acontecimentos nebulosos, como se alguma trama estivesse sendo urdida contra o lugar. Na verdade, não se conhece o autor da ideia. Quanto ao projeto, nasceu de um parto complicado. (Canário, 2002, p. 41)

A trama foi armada, Canudos seria destruída e dessa vez não com fogo, canhões, querosene, granadas de dinamites ou fuzis. Agora usariam a necessidade do povo para vender seus olhos, sob a ilusão de um suposto

favor do futuro progresso. As pessoas deixaram suas casas, tentaram aproveitar o máximo de material para construir suas moradias em outro lugar, longe das águas, longe dos seus, que foram sepultados duas vezes: primeiro, sob a terra; depois, sob as águas. Canário, no documentário produzido por Manoel Neto, *Três vezes Canudos: biografia de uma cidade adormecida*, mostra com emoção, de dentro de um barco, nas águas do Cocorobó, onde jogava bola quando criança, onde fora batizado e onde brincava com as outras crianças sob os escombros do Belo Monte.

A antiga fazenda Cocorobó, aos poucos, vai se transformando em uma vila: em 1982, publica-se no *Diário Oficial da Bahia* o Decreto nº 4.029, de 14 de maio de 1982, elevando o povoado do Cocorobó à condição de Vila Nova Canudos. Em 25 de fevereiro de 1985, sob a Lei nº 4.405, a vila, que pertencia ao município de Euclides da Cunha, na Bahia, é finalmente emancipada.

Nessa transição de Belo Monte à Canudos atual, muito se perdeu. A identidade, a memória e as referências como que se afogaram nas águas do Cocorobó e do Vaza-Barris. Só a partir de 1997, com o centenário do fim da guerra, aquelas ruínas, agora das duas Canudos, reaparecem, como se bradassem: Canudos não morreu! Romarias são realizadas junto às ruínas, livros, revistas, escritores e fotógrafos surgem como numa explosão. O que podemos fazer para que essa história não morra? Como nutrir o sentimento de pertença? Como fugir da alienação, dos argumentos que constroem para destruir? O conhecimento nos liberta, e é por meio dele que nos tornamos livres.

Descendente de uma gente que lutou ao lado de Antonio Conselheiro, gosto de dizer que sou *conselheirista*, que não abandono minhas raízes, que carrego em minha memória os relatos do tio “Manelão”, o Manoel Ernesto dos Santos, batizado por Antonio Conselheiro; as histórias da minha bisavó Arquilina Maria da Conceição, que pelejava com os homens que fugiam do compromisso de casar com as moças na segunda Canudos; as lutas de minha avó Ernestina e sua faca escondida debaixo do travesseiro; a força e a resistência de minha tia Tereza, que criou seus onze filhos em um lugar semiárido, com tanta escassez, no povoado da Barriguda/Baixa da Areia, e que ainda permanece na luta. Não podemos negar nossa identidade, quem somos, de onde viemos e para onde pretendemos ir. O que faz do sertanejo “um forte” não são as lutas — as lutas apenas o tornam experimentado nas adversidades que a vida lhe traz. O que de fato faz dele um forte é sua vontade de viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Durval Vieira de. *Província da Bahia*. Brasília: Cátedra, 1979.
- ASSIS, Machado. *A semana*. São Paulo: Brasileira Ltda., 1961, p. 401-4.
- BOAVENTURA, Edivaldo. *O Parque Estadual de Canudos*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 1997.
- CALASANS, José. *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro: contribuição ao estudo da campanha de Canudos*. Salvador: EDUFBA, 2002.
- . *Quase biografia de jagunços*. Mimeo, s/d. Disponível em <josecalasans.com/downloads/quase_biografias/quase_biografias_de_jaguncos.pdf>.
- CANÁRIO, Eldon. *Canudos: sob as águas da ilusão*. Salvador: UNEB/CEEC, 2002.
- GALVÃO, Eunice Nogueira. *Os sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Ubu & Edições Sesc, 2016.
- MACEDO, Nertan. *Memorial de Vilanova*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964.
- TAVARES, Odorico. *Canudos: cinquenta anos depois*. Salvador: Conselho Estadual de Cultura; Academia Brasileira de Letras; Fundação Cultural do Estado, 1993.